



## Olhos coloridos: linguagem e alteridade

*Elisângela Lambstein Franco de Moraes*

*Olhos coloridos*, a canção de Macau, interpretada por Sandra de Sá, e compreendida como expressão estética de denúncia e resistência, marca o desafio contemporâneo que reside na condição histórica de sujeitos em constante construção, não apenas na atualidade, mas um desafio da humanidade em reconhecer a diversidade e vivê-la de modo ético, crítico e humanizado. “Afim de contas, quem é quem no povo brasileiro? Quem pode se definir como uma coisa, e não outra?” (Boeckel, 2015). Essa provocação não é apenas uma pergunta, é uma fresta por onde se infiltra a dúvida necessária, aquela que desestabiliza certezas e nos convida a pensar o Brasil para além de narrativas simplificadoras.

É nesse horizonte de inquietação que emerge a canção *Olhos Coloridos*. Mais do que uma obra musical, trata-se de um gesto político-estético, um enunciado que atravessa o tempo e inscreve no corpo da cultura brasileira marcas de denúncia e afirmação. A música nasce de uma experiência concreta de violência, vivenciada por meio do racismo sofrido pelo compositor. Sabendo desse contexto, a arte transforma a dor em linguagem de resistência, revelando seu poder como forma de elaboração simbólica da humanidade.

Diz a letra da música:

*Os meus olhos coloridos; Me fazem refletir*

*Que eu estou sempre na minha; E não posso mais fugir*

*Meu cabelo enrolado; Todos querem imitar*

*Eles estão baratinados; Também querem enrolar*

*Você ri da minha roupa; Você ri do meu cabelo*

*Você ri da minha pele; Você ri do meu sorriso*

*Mas a verdade é que você (Todo brasileiro tem)*

*Tem sangue crioulo; Tem cabelo duro*

*Sarará crioulo; Sara crioulo, Sarará crioulo (Genius, 2026).*

Ao ecoar versos como “Você ri da minha roupa, do meu cabelo, da minha pele”, a canção desloca o riso de seu lugar habitual de leveza e o inscreve como instrumento de exclusão. O riso, aqui, não é celebração, senão mecanismo de hierarquização. Ele nomeia, classifica e inferioriza. Nesse sentido, aproxima-se do que Bourdieu (2002) denomina violência simbólica, que é caracterizado por uma maneira de dominação que se apresenta de maneira sutil, naturalizada, inscrita tanto nas estruturas sociais quanto nas disposições subjetivas.

A violência simbólica opera justamente por não se apresentar como violência. Ela se infiltra nos gestos cotidianos, nas palavras aparentemente inofensivas, nos silêncios que sustentam desigualdades. Foucault (1979), ao compreender o poder como uma rede que atravessa os discursos, amplia essa leitura ao mostrar que não há exterior ao poder, ele se produz e se reproduz nos microespaços da vida, grupos sociais diversos. Nesse cenário, a linguagem assume centralidade, não como mero instrumento de comunicação, mas como dispositivo de produção de realidade. Nomear é atribuir existência; é também delimitar fronteiras. Quando a linguagem é capturada por lógicas excludentes, ela reduz o outro à condição de objeto. Quando ressignificada, contudo, torna-se possibilidade de reconhecimento e emancipação. “Atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro” (Fanon, 2008, p.33).

Por meio dessa reflexão percebe-se o drama do sujeito negro em uma sociedade estruturada pelo racismo, que, ao ser desvalorizado, se aproxima do ideal branco como estratégia de sobrevivência e resistência. O que se observa, atualmente, é um movimento paradoxal, aquilo que é inicialmente ridicularizado passa a ser, posteriormente, apropriado e desejado. A cultura negra, historicamente marginalizada, torna-se objeto de consumo, porém, não necessariamente de reconhecimento. Essa dinâmica revela que o percurso entre rejeição e imitação não é linear, senão atravessado por relações de poder:

[...] Abdias Nascimento indica que apropriação cultural está longe de ser uma questão banal, uma vez que também pode estar a serviço dos mecanismos de opressão e das políticas de morte. Vale lembrar, por exemplo, que samba, capoeira e candomblé já foram proibidos e perseguidos ostensivamente. Apropriação cultural é um mecanismo

de opressão por meio do qual um grupo dominante se apodera de uma cultura inferiorizada, esvaziando de significados suas produções, costumes, tradições e demais elementos. Tomando como exemplo a sociedade de consumo, onde tudo se transforma em produto, e mais especificamente a realidade brasileira, percebe-se que há muito tempo se usa uma estratégia para tornar palatável a cultura afro: apagar os traços negros, a origem ou qualquer outro elemento passível de rejeição (William, 2020, p.47-48).

A análise nos conduz a pensar tudo isso no contexto da educação, enquanto prática social e histórica, que se constitui um espaço privilegiado de produção de sentidos, formação de subjetividades e reprodução, por si só e por suas estruturas de poder. Longe de ser neutra, ela se inscreve em disputas simbólicas que atravessam a cultura, a linguagem e os modos de existência. Nesse contexto, o presente ensaio propôs uma reflexão acerca das relações entre linguagem, arte e educação, tomando como ponto de partida a canção *Olhos Coloridos*, como expressão estética que denuncia práticas de opressão e, simultaneamente, afirma processos de resistência e construção identitária.

A educação, enquanto prática histórica e social, não está alheia a essas tensões. O currículo escolar brasileiro orientado por uma lógica eurocêntrica, privilegiou determinados saberes em detrimento de outros, invisibilizando culturas, histórias e epistemologias não alinhadas ao padrão dominante. É nesse contexto que o pensamento de Freire (1987) se apresenta como horizonte ético-político:

Na constituição da consciência, mundo e consciência se põem como consciência do mundo ou mundo consciente, e, ao mesmo tempo, se opõem como consciência de si e consciência do mundo. Na intersubjetivação, as consciências também se põem como consciências de um certo mundo comum e, nesse mundo, se opõem como consciência de si e consciência do outro. Comunicamo-nos na oposição, que é a única via de encontro para consciências que se constituem na mundanidade e na intersubjetividade (Freire, 1987, p.08).

Para Freire (1987, 1996), educar é um ato de liberdade. É possibilitar que o sujeito leia o mundo antes de ler a palavra. É reconhecer que toda linguagem é situada e que todo saber é atravessado pela experiência. Uma educação comprometida com a transformação social deve, portanto, abrir espaço para a pluralidade de vozes, promovendo o diálogo e a escuta.

A arte, nesse processo, ocupa um lugar privilegiado. Ela não apenas representa o mundo, mas o reinventa. A música *Olhos Coloridos* é exemplar nesse sentido, ao mesmo tempo em que denuncia a opressão, afirma a existência. “Fazendo a minha história”, diz a canção. Ao dizer, cria. A arte transforma a experiência vivida em linguagem compartilhável, permitindo que o sujeito se

reconheça e seja reconhecido.

O fato é que a cultura [...], com toda sua potência na contemporaneidade, que preconiza um desenvolvimento global, é orientada para o consumo e para uma relação mercantilista com as coisas do mundo, englobando a sedução e a manipulação de elementos de forte apelo comunicativo, como o erotismo e a violência. Fica-se no meio de um “fogo cerrado” de produção e consumo. A escola é ainda orientada para as relações produtivas que reforçam as divisões de trabalho e as diferenças de classe e garantem os padrões de comportamento em uma muitas vezes rasa leitura da realidade social (Oliveira, 2020, p.28).

Trabalhar com a arte na educação é, portanto, ampliar as possibilidades de formação. É deslocar o ensino para uma experiência sensível, crítica e estética. É permitir que os sujeitos se posicionem. Assim, pensar a educação a partir da articulação entre linguagem e arte é reconhecer que a formação de todo sujeito é holística, um todo, sem fragmentação. É transmitir conteúdos e participar da constituição de sujeitos. Ensinar implica também acolher, problematizar, escutar e, sobretudo, humanizar.

Esta discussão conduz a uma conversa um pouco mais densa, embora necessária, pertinente e relevante, que é tratar das questões relacionadas à expropriação cultural, comumente chamada de apropriação cultural. Esse debate vem carregado de um fator dificultador, que é o de fazer entender e reconhecer o valor da cultura do outro, sendo assim, os elementos da cultura revelam os instrumentos de poder. Ao tocar no que é do outro, fazer uso e se aculturar, não há como manter as mesmas estruturas e, mediante isso, se banaliza a utilização de certos elementos trazendo um esvaziamento do seu valor. Deixa de ser um ícone de luta e de representatividade. Essa neutralização descontextualiza, atribuindo novas características, podendo ser estas capitalistas ou até mesmo fetichistas, então o que antes representava a resistência e a luta, perde a força e passa a ser apenas algo banal. Isto se condiz com as reflexões de William (2020), em seu livro *Apropriação cultural*:

No contexto brasileiro, e mesmo pelo mundo afora, há muitas pessoas brancas que participam e se integram a culturas discriminadas. É possível fazer isso sem se apropriar? Acredito que seja possível, mas alguns critérios devem ser observados, porque a linha que separa apropriação de integração nesses casos é muito tênue. O exemplo dos terreiros de candomblé, que em São Paulo já tem a maioria branca, é bastante pontual. É fundamental que uma pessoa não acredite que se torna negra porque frequenta o terreiro, usa turbantes ou porque trança os cabelos. (William, 2020, p.127-

Em síntese, este ensaio evidencia que práticas aparentemente simples podem carregar densas implicações simbólicas. Ao mesmo tempo, o estudo aponta para o potencial transformador da linguagem e da arte na construção de uma educação comprometida com a diversidade: a profundidade dessas reflexões deve permear os muros escolares e os espaços acadêmicos. Diante disso, educar é, inevitavelmente, um ato político e tem o potencial de denunciar estruturas excludentes, e de construir caminhos para que cada sujeito possa, de fato, fazer e narrar a sua própria história livre das diversas violências, sejam simbólicas sejam expostas, como as vivenciadas todos os dias.

### Referências

BOECKEL, Cristina. **Autor de “Olhos coloridos” conta que música surgiu de caso de racismo**. G1, Rio de Janeiro, 20 nov. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/11/autor-de-olhos-coloridos-conta-que-musica-surgiu-de-caso-de-racismo.html>. Acesso em: 20 abr. 2026.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU\\_Pierre.\\_A\\_domina%C3%A7%C3%A3o\\_masculina.pdf?1332946646](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU_Pierre._A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646). Acesso em: 22 abr. 2026.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa – UFBA.Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/cantarin/elpl-uab-literatura-africana-em-perspectiva-recepcional/material-extra/Pele%20negra%20mascaras%20brancas%20-Frantz%20Fanon.pdf/view>. Acesso em: 22 abr. 2026.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª Impressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://pibid.unespar.edu.br/noticias/paulo-freire-1970-pedagogia-do-oprimido.pdf/view>. Acesso em: 22 abr. 2026.

GENIUS, Holdings. **Letra de olhos coloridos**. Brooklyn, cidade de Nova Iorque. 2026. Disponível em: <https://genius.com/Sandra-de-sa-olhos-coloridos-lyrics>. Acesso em 25 mai. 2026.

OLIVEIRA, Adriana Silva de; ROSENTHAL, Dália; RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. **Arte, educação e contemporaneidade**. Blucher. São Paulo, 2020. Disponível em: [https://storage.blucher.com.br/book/pdf\\_preview/9788521218883-amostra.pdf](https://storage.blucher.com.br/book/pdf_preview/9788521218883-amostra.pdf). Acesso em: 22 abr. 2026.

ROSA, Vitória Acosta; ALMEIDA, Cleusa Albillia. **Nos seus olhos coloridos: um grito de**

denúncia e resistência. **Salão de Extensão do IFRS**, 6., Canoas. Anais [...]. Disponível em: <https://eventos.ifrs.edu.br>. Acesso em: 20 abr. 2026.

SÁ, Sandra de. **Olhos coloridos**. Intérprete: Sandra de Sá. Brasil, década de 1980.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. Feminismos Plurais. Coordenação de Djamila Ribeiro. Editora Jandaíra, São Paulo, 2020.

#### *Autora*

*Elisângela Lambstein Franco de Moraes*

*Mestra em Educação. Professora universitária, Neuropsicopedagoga, Psicanalista didata. Graduação em Pedagogia, Letras: Português/Inglês. Graduanda em Psicologia. Especialização em Psicopedagogia, Cultura Africana e Violência Doméstica contra crianças e adolescentes. Docente: Pedagogia, Letras e Fonoaudiologia (Faculdade de Americana, FAM). Atuação profissional: Psicopedagoga no Núcleo de Apoio Psicopedagógico ao Estudante (NAPE/FAM). Supervisora de estágio - Pedagogia (FAM). Participante do NDE - Núcleo Docente Estruturante. Experiência na elaboração de materiais didáticos para o Ensino Superior. Participante do grupo de estudos: GEPEE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Epistemologia (UFScar). Atendimento clínico psicopedagógico particular. Autora do livro *Diversidade Cultural: 18 anos da Lei 10.639*.*

*Lattes: [lattes.cnpq.br/9864968499513797](https://lattes.cnpq.br/9864968499513797)*

*Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9923-694X>*